



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil  
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013  
ISSN 1982-3657



**A relação trabalho, educação e juventude em meio à sociabilidade capitalista: uma aproximação com a realidade da Região do Grande Bom Jardim**

Marilza Nayara Soares Nobre[i]

Amanda Maria dos Santos Silva[ii]

Grayceane Gomes da Silva[iii]

Eixo Temático: 7. Educação, Trabalho e Juventude

**RESUMO**

Este é um estudo sobre os discursos dos jovens da Região do Grande Bom Jardim, em Fortaleza – Ceará, acerca dos significados de trabalho e educação em face à sociedade capitalista. Configura-se como resultado de uma pesquisa com os jovens participantes do Projeto de Proteção de Jovens em Território Vulnerável (PROTEJO), que por sua vez configurou-se como uma das ações do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI). Tal projeto atuou com 210 jovens dessa região em um período de oito meses entre 2009 a 2010. Buscou-se, através deste trabalho, responder algumas indagações inerentes à condição juvenil através das falas dos interlocutores. Para tanto, se utilizou como técnicas de pesquisa para coleta de dados entrevistas do tipo semi-estruturadas e relatos orais.

Palavras-chave: Educação, Trabalho, Juventude

**ABSTRACT**

This is a study of the discourse of young people in the Grande Bom Jardim region, in Fortaleza - Ceará, about the meanings of work and education in the face of capitalist society. Formed as a result of a survey with young participants in the Youth Protection in Vulnerable Territory Project ((protect), which in turn configured as one of the actions of the Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania - PRONASCI (National Program Public Security with Citizenship). This study worked with 210 young people in this region over a period of eight months between 2009-2010. It was sought to, through this work, answer a few questions inherent in youth condition through the words of themselves. Therefore, semi-structured interviews and oral reports were used as research techniques for data collection.

Keywords: Education, Work, Youth

**INTRODUÇÃO**

O trabalho em pauta versa sobre uma pesquisa realizada com os jovens participantes do Projeto de Proteção Jovens em Território Vulnerável (PROJETO), na Região do Grande Bom Jardim (RGBJ), em Fortaleza – Cea denominado Território de Paz, com o objetivo de analisar os significados do trabalho e da educação para mesmos, assentada em uma perspectiva crítica.

A referida pesquisa é de natureza qualitativa e baseou-se em entrevistas semi-estruturadas, tendo s entrevistados seis jovens com o intuito de analisar a condição juvenil dos mesmos, isto é, que aspectos contemporaneidade definem o “ser jovem”.

Ressalta-se que, neste estudo específico, houve um recorte nas categorias trabalho e educação, muito emb outros aspectos da pesquisa também se relacionem com o tema, como é o caso da relação desses jovens c as famílias e como vivenciam e experimentam as formas de sociabilidade do território em que vivem.

Destaca-se que o território em que se desenvolveram as atividades do projeto se destaca no cená fortalezense pelos altos índices de criminalidade e violência. Fortaleza é composta por 6 (seis) Secretar Executivas Regionais (SER’s), estando a RGBJ localizada na SER V que, por sua vez, abrange dezoito bairros.

O PROTEJO buscou contribuir com a formação cidadã através de capacitações específicas, de inclusão r programas de iniciação ao trabalho e de retorno ao sistema de ensino. Os jovens integrantes do proje participaram de atividades cujas temáticas eram voltadas para questões sobre cidadania, juventude sustentabilidade, políticas de segurança preventiva, passeios com caráter educativo, oficinas de grafite, *brea*, serigrafia. Teve uma duração de oito meses com 72 horas/aula, totalizando 800 horas/aula.

O Território de Paz teve início no final de 2009, voltado para populações vulneráveis à violência e criminalidade, sendo resultado da execução da política de segurança cidadã proposta pelo Governo Fede através do Ministério da Justiça e da Secretaria Nacional de Segurança Pública, em parceria com estados municípios, com objetivos de construir políticas de segurança mais preventivas, que repressivas enfrentamento da criminalidade e da violência nas cidades brasileiras.

É nesse contexto de contradições que se buscou trazer elementos para um dos debates que mais afetam juventude na contemporaneidade que diz respeito ao acesso ao trabalho mediante o sistema de ensino atual.

### **Desnaturalizando a juventude(s): situando-a como construção sócio-histórica**

Juventude é um termo que, em um primeiro momento, pode parecer elucidado, em que todos têm algo a diz visto que todas as pessoas foram ou são jovens, porém quando se tenta defini-lo as dificuldades vão revelando (ABRAMO, 2008). Geralmente as ideias imputadas buscam particularizar o debate, mas exist alguns pontos em comum percebidos nos trabalhos desenvolvidos acerca do tema na transição dos séculos e XXI.

Um destes pontos refere-se a pensar juventude(s), no plural, em suas múltiplas determinações e expressõ porém sem desconsiderar o contexto sócio-histórico “nos quais os jovens criam e recriam modos de vida, seja, a afirmação da perspectiva que conceitua a juventude nos marcos de uma dada condição juve (BARBIANI, 2007, p.140). Segundo Esteves; Abramovay (2007) a realidade social revela que não existe aper um tipo de juventude, mas diversos grupos que são heterogêneos, assim, por definição, a juventude é:

uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originad partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjuga entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. (Idem, 20 p. 21).

Segundo Cardoso; Sampaio (1995) o tema da juventude é bastante antigo na antropologia e nas ciênc

sociais em geral e em meados do século XX passou a ser assunto relevante na sociologia, a intitulada sociologia da juventude. Pais (1990) coloca que é inerente à sociologia a desconstrução da juventude como uma "entidade homogênea".

Conforme Groppo (2000), as definições pertinentes a este segmento giram por dois critérios básicos, que sejam: etários[iv] e sócio-cultural. O primeiro critério está geralmente manifesto como fundamento para a definição do que é juventude, onde a idade é o embasamento que a conceitua. Já o segundo critério relativizado e tanto o jovem como seu comportamento alteram-se conforme varia sua classe social, grupo étnico, nacionalidade, gênero, contexto histórico. Neste sentido, chega-se a uma indefinição do que de fato é a juventude, estando entre o critério etário objetivista e o critério sócio-cultural relativista.

Outro autor que realiza uma análise das tendências da sociologia da juventude é Pais (1990), que as apresenta em duas: primeira, como sendo a juventude uma fase da vida, uma geração definida por termos etários; segunda, definida como uma juventude diversificada, mesclando-se distintas culturas juvenis. Nesta última, o autor chama atenção para o fato da contrariedade em utilizar o termo juventude, pois são tantas ramificações que os sujeitos não teriam quase nada em comum. Seguindo seu pensamento, "quase poderíamos dizer, por outras palavras, que a juventude ora se nos apresenta como um conjunto aparentemente homogêneo, ora nos apresenta como um conjunto heterogêneo" (PAIS, 1990, p. 151). Seria como se o primeiro se construísse como unidade e o segundo como diversidade.

Em um primeiro momento pode parecer difícil uma desnaturalização do que seja juventude, devido à tendência em projetá-la de acordo com as próprias vivências do indivíduo, o que muitas vezes impede de ter um olhar mais crítico da realidade posta. Porém, é necessário enfatizá-la como uma teia de significações, concepções simbologias, criada pela própria sociedade que as modificam quando sentem necessidades, seja pelos grupos sociais ou pelos próprios jovens, que passam a significar suas atitudes, valores, comportamentos, traduzindo na realidade tais representações simbólicas.

Ressalta-se que a juventude, assim como outras categorias socialmente construídas, é permeada por representações simbólicas. Porém, sintetizá-la apenas na dimensão simbólica desenriquece seus múltiplos significados, desmaterializando-a. Falar de juventude é, obrigatoriamente, uma interligação com determinações materiais e histórico-políticas, que são inerentes a toda produção social.

A juventude, como toda categoria socialmente constituída, que atende a fenômenos existentes, tem uma dimensão simbólica, mas também deve ser analisada a partir de outras dimensões: aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais toda a reprodução social se desenvolve (MARGULIS; URRESTI, 2008, p. 2).

Quando a juventude é calcada enquanto criação simbólica sem, no entanto, desmaterializá-la, estar desmistificando o fundamento natural de juventude e, caminhando para sua construção enquanto categoria social.

A faixa etária juvenil, assim como os demais grupos de idade, são uma criação sócio-cultural própria, marcante e fundamental dos processos de modernização e configuração das sociedades contemporâneas. Essa criação surge ao lado ou em conjunção com outras categorias sociais essenciais, como estruturas e estratificações sociais, relações de gênero, relações étnicas e outras, bem como junto a fenômenos históricos cruciais, como o capitalismo, o imperialismo, o 'ocidentalismo' etc. (Groppo, 2000, p. 27).

## **DESVELANDO O CAMPO EMPÍRICO E OS SUJEITOS DA PESQUISA**

Disposto como uma das ações do Território de Paz o PROTEJO objetivou contribuir com a formação cidadã jovens entre 15 e 24 anos. Configurou-se como uma das ações do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI) que, por sua vez, foi desenvolvido na RGBJ pelo Ministério da Justiça, Governo Federal, em parceria com a Prefeitura de Fortaleza e o Governo do Estado, em que a Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza (GMF) foi a gestora municipal do Programa, a qual desenvolvia sistemas de gestão para monitorar a eficiência e a eficácia das atividades.

O PRONASCI, em âmbito nacional, articula políticas de segurança com ações de cunho social, priorizando a prevenção da violência. Entre seus eixos estão a valorização dos profissionais de segurança pública, a reestruturação do sistema penitenciário; combate à corrupção policial; e, o envolvimento da comunidade na prevenção da violência.

Além dos profissionais de segurança pública, o PRONASCI desenvolve suas ações com o público jovem de 15 a 24 anos, em que o PROTEJO constitui-se como uma dessas ações. São jovens que se encontram ou estiveram em conflito com a lei; presos ou egressos do sistema prisional; e ainda os reservistas, passíveis de serem atraídos pelo crime organizado em função do aprendizado em manejo de armas adquirido durante o serviço militar.

Fortaleza foi a quarta capital do Nordeste e a 11ª cidade do país a receber o Território de Paz, em que foi escolhido para sua implantação a RGBJ por se destacar no cenário fortalezense como uma região com altos índices de violência e criminalidade, que são considerados pelo Ministério da Justiça como critérios para a instalação dos Territórios de Paz.

Conforme revelam Brasil; Almeida (2010), no bairro Bom Jardim, que é o centro da região, ocorreram 64 homicídios por cem mil habitantes, um percentual acima do de Fortaleza, que é 19.56 homicídios por cem mil habitantes. A região é composta por cinco bairros: Bom Jardim, Granja Portugal, Granja Lisboa, Siqueira Canindezinho, conforme a cartografia oficial da região. O Território foi instalado no dia 1º de dezembro de 2009, na Praça Central da Granja Portugal.

Em seus discursos cotidianos foi-se tentando compreender as dificuldades que esses jovens enfrentam duplamente, por serem jovens e pelo lugar de origem. Essa região é tematizada pela mídia televisiva e impressa, entre outras, como local de violência[v] e que deve ser temida. Ao mistificar a localidade também estigmatizam os sujeitos que a compõem. A mídia evidencia a comunidade, como local de violência e drogas associadas às mortes, bem como aquelas pessoas de outros bairros que vêem a comunidade como perigo. Pode-se perceber através da fala de uma entrevistada:

Os programas, reportagens, eles aumentam muita coisa do Bom Jardim, eles mostram o lado ruim do Bom Jardim. E o Bom Jardim é um bairro que não tem coisas ruins, não tem só criminalidade, não tem só drogas, só mortes. O Bom Jardim tem ONG, tem o Centro Cultural, tem o circo. Isso eles não mostram. Então, quando dizem, que pelas reportagens, eles mostrarem só o lado ruim do Bom Jardim acontecendo o preconceito por outros bairros. Se a gente chegar numa entrevista e a pessoa dizer assim 'diga onde você mora', 'eu moro no Bom Jardim'. A primeira coisa que o pessoal diz é 'Vixe!', o bairro do 'vixe!'. Por quê? Porque não conhece, não viu. Não vou mentir, tem os lados negativos, mas também tem muito lado positivo e isso não é mostrado **(Entrevistada 4)**.

O crescimento da população de Fortaleza nos últimos 10 (dez) anos esteve interligado ao aumento da criminalidade e da violência, problema que é comum às grandes cidades, em que o segmento juvenil concentra a maior parte de homicídios. Segundo os autores Brasil; Almeida (2010) no ano 2000, Fortaleza tinha uma população de 2.141.402 habitantes e em 2007 atingiu um contingente de 2.431.415 hab. No que concerne à população jovem no total de 636.435 pessoas que estavam na faixa etária de 15 a 29 anos, 52% eram

mulheres e 48% homens. Destes, 235.795 jovens tinham entre 15 e 19 anos, 214.961 tinham entre 20 e anos e 185.679 entre 25 e 29 anos. Já no ano de 2008, Fortaleza definiu-se como a quarta maior metrópole em contingente populacional no País, com uma população equivalente a 2.416.920 habitantes, inferior apenas que São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Contudo, o CENSO de 2010 revelou que a capital cearense caiu para a quinta colocação em termos populacionais com um número de 2.447.409 hab., atrás de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Brasília, sendo em sua maioria formada de mulheres (53,2%), e os homens alcançaram 46,8% (Brasil; Almeida, 2010, p. 36).

De um universo de quarenta e dois[vi] jovens do projeto selecionou-se seis por entender que na amostragem da pesquisa qualitativa é mais relevante compreender a questão sob várias perspectivas, pontos de vista e observação, do que pelo número de pessoas envolvidas, bem como pelo processo de saturação compreendido como aquele que após algumas entrevistas as falas começam a ficar repetitivas.

Em um apanhado geral pode-se dizer que os jovens entrevistados possuem faixa etária entre 17 e 22 anos. Com exceção de uma que já constituiu família, os demais vivem com os pais. Apenas uma concluiu o ensino médio e os outros interromperam os estudos entre a 5ª e a 2ª ano do ensino médio. Nenhum destes jovens trabalha ou participa de projetos. Apenas um exerceu atividade laborativa. A menor renda *per capita* constatada foi de R\$ 107,5 e a maior de R\$ 201,8.

### **A condição juvenil: o trabalho e a educação em destaque**

A juventude só foi inserida como público prioritário da ação pública recentemente na Constituição Brasileira. Crianças e os adolescentes possuem o instrumento normativo legal do Estatuto da Criança e do Adolescente desde 1993, mas a juventude durante muito tempo ficou fora do debate político.

Trata-se de um segmento que tem ganhado notoriedade na sociedade, tendo cada vez mais espaço nos debates políticos dos últimos anos no cenário brasileiro. Geralmente colocados no centro da questão violência, das drogas, os jovens tem recebido atenção em programas e projetos diversos de norte a sul do país.

Uma das características que afetam a vida dos jovens na contemporaneidade e que tem se tornando o grande alvo das ações públicas e são aquelas inerentes à empregabilidade e à educação (principalmente as capacitações). Existem inúmeras pesquisas que evidenciam que uma grande parcela dessa juventude está fora das redes formais de ensino, como a escola, e do mercado de trabalho. A falta de oportunidades no espaço trabalhista está geralmente vinculada ao não acesso ou mesmo permanência desses jovens na escola, uma vez que esta funciona como pressuposto para entrada ao mundo do trabalho.

Sabe-se que as políticas públicas ganham centralidade para atendimento das necessidades da juventude e suas várias especificidades. Têm-se projetos para as juventudes negra, rural, urbana, que vive na periferia e grandes centros urbanos, que está na rede regular de ensino ou não. Algumas políticas são pensadas para garantir o jovem permaneça na escola e garanta o seu acesso ao mercado de trabalho. Cabe questionar de que educação estamos falando. Tem-se como horizonte o sujeito social em sua totalidade, isto é, um sujeito em formação. Apenas a escola é detentora do saber para formar esse sujeito. As políticas públicas voltadas para a juventude dão conta de todos os processos que atravessam o sistema de capital.

A juventude obteve relevância política a partir de 2004, o que não quer dizer que este segmento não foi percebido em suas especificidades anteriormente. Mas foi precisamente a partir de 2004 que a juventude entrou de fato no cenário político brasileiro, pois se criou um órgão responsável por coordenar e articular política nacional, um conselho para propor, acompanhar, avaliar programas e ações, e um programa voltado para a inclusão de jovens através da Lei Nº 11.129, de 30 de junho de 2005 (Instituiu o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; criou o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional da Juventude - SNJ). (SNJ, 2013).

Em 2005 o Governo Federal instituiu a Política Nacional de Juventude. Em 2008 aconteceu a I Conferência

Juventude realizada em Brasília que resultou em documento com 70 resoluções e 22 prioridades que norteiam as ações para a juventude em nível federal, estadual e municipal. Já em julho de 2010, a PEC 042/ 2010 conhecida como a PEC da Juventude, foi transformada na Emenda Constitucional 65, que incluiu a palavra "jovem" no capítulo da Constituição Federal "Da Família, Da Criança, Do Adolescente e Do Idoso". Em 2011 tem-se a II Conferência Nacional de Juventude em Brasília e a aprovação do Estatuto da Juventude pela Câmara Federal. E mais recentemente, em 2013, a aprovação do Estatuto da Juventude no Senado Federal (SNJ, 2013).

Para uma compreensão de como se configura a condição juvenil no Brasil na contemporaneidade baseou-se na Pesquisa Nacional "Retratos da Juventude Brasileira"[vii], especificamente no artigo de Helena Abramo, que trata dos aspectos da condição juvenil. Foi realizado um recorte destes aspectos com vistas a correlacionar com o estudo corrente.

Conforme a referida pesquisa a maioria dos jovens brasileiros é solteira, 78%, mas também é significativa parcela daqueles que são casados oficialmente ou não, que correspondeu a 20% dos jovens entrevistados. Este percentual, contudo, se diferencia conforme a idade e o gênero. O grupo compreendido entre a faixa etária 21 a 24 anos concentra 35% dos casados, enquanto na faixa de idade entre 15 e 17 anos o casamento simboliza 5%. As mulheres são maiorias casadas quando comparadas aos homens. Enquanto 1% de rapazes entre 15 e 17 anos são casados, quase a metade, ou seja, 45% das mulheres entre 21 e 24 anos já vivenciaram a experiência do casamento.

Quando estes dados são comparados com o universo de seis jovens entrevistados visualizou-se que apenas uma jovem é casada, sendo que esta tem 21 anos, o que corrobora com os resultados da pesquisa acima em âmbitos de idade e gênero. Ressalta-se que os dois rapazes entrevistados são solteiros.

Segundo a Pesquisa Nacional a situação conjugal é, ainda, diferenciada pelas condições de renda e escolaridades desses jovens. Quanto maior é o nível de escolaridade e renda, menor é o número de casados, em que 43% dos jovens que estudaram até a 4ª série já compõem uma nova unidade familiar e 30% representam o número de jovens casados que pertencem às famílias com renda mensal mais baixa.

O que se pode retirar desses resultados com a pesquisa aqui analisada é que todos os jovens entrevistados possuem uma renda familiar baixa, mas apenas duas jovens têm filhos, enquanto os demais são solteiros e não possuem filhos. Segundo Abramo (2004), no que se refere à escolaridade é possível supor que o casamento pode ser um fator de interrupção dos estudos, mas não é possível dizer se são os jovens cuja família de origem é mais pobre que se casam mais cedo, ou se os jovens casados encontram-se nessa faixa de renda porque a nova unidade familiar possui renda mais baixa, ou ainda pela combinação destes dois fatores.

É possível afirmar diante das análises dos entrevistados que o casamento foi responsável pela interrupção dos estudos para apenas uma jovem. Os demais citaram outros fatores para o abandono escolar, como a percepção na fala a seguir, em que a jovem já repetiu a mesma série (5ª) quatro vezes:

Eu voltei e parei de novo. (Intervenção: E porque tu não consegue continuar) Porque eu não tenho paciência, não de estudar de novo! **(Entrevistada 1)**.

Já os outros três jovens que também interromperam os estudos, demonstraram a vontade de retomá-los, estes não são casados. Como bem colocou Abramo (2004), não se pode afirmar de fato a correlação entre casamento e a desistência escolar.

A Pesquisa Nacional também questionou desses jovens os aspectos positivos e negativos em ser jovem, em que 74% dos entrevistados afirmaram que há mais coisas boas do que ruins em ser jovem. A positividade é maior para os homens e mais jovens, onde o índice é maior para os adolescentes homens (82%) e menor para as mulheres de 21 a 24 anos (68%). A positividade foi percebida na satisfação com a saúde e a aparência física, a capacidade de tomar decisões, sua família, amizades, relações afetivas, o modo como usam o tempo livre e as condições materiais da vida (casa e bairro em que moram e a educação escolar recebida). Já

trabalho dividiu os jovens, pois enquanto 50% disseram-se satisfeitos, 24% se declarou pouco satisfeito e 26% nada satisfeito.

“Não ter preocupação, responsabilidades, compromissos” foi citado por 45% dos jovens como as melhores coisas boas em ser jovem, onde a maior quantidade de respostas nesse viés foi entre os jovens de nível superior (55%). Esse dado revela que “o adiamento das responsabilidades parece ser mais forte justamente nos grupos onde há menor incidência de responsabilidades” (ABRAMO, 2008, p. 56). “Aproveitar a vida, viver com alegria” foi citado por 40%, onde “curtir, se divertir, brincar” correspondeu a 39%, o que demonstra a força desse elemento, segundo a referida autora. “Poder estudar ou só se dedicar ao estudo” foi citado por 26% dos jovens, onde o percentual entre universitários alcançou 38%. “Ter liberdade” que correspondeu a 22% foi elencado pelos mais velhos e homens da amostra, cerca de 33% entre os rapazes e maiores de 20 anos. “Amizades” totalizaram 14%, “Saúde” 13%. A “família” apareceu com 5%.

A Pesquisa Nacional, ainda, perguntou aos jovens os aspectos negativos de ser jovem, onde relataram: “conviver com riscos” (23%) principalmente inerentes às drogas (17%) e violência e más companhias (10%), segundo plano (9% e 7%, respectivamente), “falta de liberdade” (22%), onde é presente principalmente em as mulheres (27%), enquanto os homens representaram nesse âmbito 16%, “falta de trabalho e/ou renda” (20%) foi citado por homens e mulheres compreendidos entre 18 e 20 anos de idade, onde 25% expuseram essa questão, em face de apenas 16% dos adolescentes.

Os outros percentuais ficaram entre imaturidade/irresponsabilidade (9%), “desrespeito/incompreensão” (5%). Existem aqueles que afirmaram não haver nada ruim em ser jovem, o que gerou um percentual de 26% e reforça a positividade atribuída à condição juvenil.

Quando os jovens foram indagados acerca dos aspectos que eles consideram negativos em ser jovem, preponderante em suas falas a esfera do trabalho. Pelo fato de serem jovens, o “mundo adulto” os considera imaturos, sem responsabilidades, inexperientes, principalmente pelo fato de estarem nessa condição de jovem como é perceptível nas falas a seguir:

Muitas vezes a história do trabalho. Ah é jovem demais não dá não porque é muito jovem, não tem responsabilidade. (Intervenção: Você acha que por ser jovem é mais difícil) É. As pessoas né, ‘essa daí é muito jovem, essa daí não dá não’. Não é em todo lugar, mas em alguns lugares os jovens são rejeitados’ (**Entrevistada 2**).

O ruim de ser jovem é o preconceito. Porque, às vezes, a gente acaba perdendo oportunidade por ser jovem. Porque hoje a visão dos adultos acaba dizendo ‘Ah jovem, é novo, não sabe de nada’. Preferem pegar as pessoas mais experientes. Acho que o único defeito de ser jovem é esse (**Entrevistada 4**).

Com as entrevistas evidenciou-se que todos os jovens desta pesquisa não estão trabalhando. Apenas a entrevistada 2 exerceu alguma atividade laborativa. Ressalta-se que esta entrevistada foi a única a concluir estudos, enquanto os demais interromperam.

É notório que no Brasil os jovens provenientes de famílias pobres são praticamente condenados ao mercado de trabalho como única alternativa de mobilidade social, o que resulta numa entrada precoce desses jovens com baixa escolaridade e ocupando vagas com menor remuneração. Enquanto aqueles jovens advindo de famílias com poder aquisitivo elevado adiam essa entrada passando, cada vez mais, a ocupar postos de trabalho com maior remuneração. Essa dicotomia no mercado de trabalho gera uma ampliação das diferenças da sociedade de classes. Como apontam BARBOSA; DELUIZ (s/d):

São os jovens na faixa etária de 15 a 24 anos das camadas populares os mais atingidos pelas mudanças no mundo do trabalho, pelas fragilidades do sistema

educacional e os mais destituídos de apoio de redes de proteção, encontrando-se em maior estado de vulnerabilidade social. Entre os principais problemas com os quais deparam hoje estão: o acesso restrito à educação de qualidade, as frágeis condições para a permanência no sistema escolar, a dificuldade de inserirem no mercado de trabalho formal, a luta pelo primeiro emprego e a inadequada qualificação profissional (IBDEM, s/d., p.1).

É visível o desfavorecimento do mercado de trabalho às classes trabalhadoras, sobretudo os jovens desde a década de 1980 quando o Brasil abandonou o projeto de industrialização nacional. O aumento da não ocupação juvenil entre 15 e 24 anos acentuou-se a partir de 1990 com a prevalência de políticas de corte liberal.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2007[viii] revelou que 62,2% no grupo de 18 a 24 anos e 74,9% no grupo de 25 a 29 anos ocupavam uma vaga no mercado de trabalho. Já no grupo de 16 a 17 anos a porcentagem foi de 45,3%, onde se constatou uma redução de 9,3% em um período de dez anos, isto houve um aumento do número de *jovens adolescentes* que postergavam sua entrada no mercado de trabalho. Isso poderia ser considerado um aspecto positivo se o jovem estivesse adiando essa entrada para concluir o ensino médio, ou mesmo como processo preparatório para a entrada no mercado de trabalho.

Diante das entrevistas com os interlocutores constatou-se, contudo, que esse adiamento não está materializando desta forma. De seis jovens, cinco interromperam os estudos, e uma não pensa em retomá-los. Diante desse contexto cabe questionar como o Estado mediante a implementação de políticas públicas conseguirão alcançar esse jovem que não se encontra na escola, no trabalho, ou desenvolvendo outra atividade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O PROTEJO pode ser percebido como uma experiência piloto no município de Fortaleza – CE. Muito embora não se possa dar conta, em dados quantitativos, das mudanças reais na vida dos sujeitos que fizeram parte do processo ou uma parte dele, é possível desvelar alguns pontos presentes nas subjetividades dos mesmos.

A RGBJ é caracterizada pelo *mass media* pelos altos índices de violência, contudo existem outras particularidades da vida social no território que não são levadas em consideração, como as associações de bairros, as políticas públicas que atuam na região, os equipamentos sociais onde são desenvolvidas atividades para vários grupos como os de jovens e idosos. A mídia evidencia a comunidade, como local de violência, drogas associadas a mortes, o que pode levar as pessoas de outros bairros a também perceber a comunidade como perigosa.

Outros aspectos do território são suprimidos, tais como: a existência de Organizações não Governamentais (ONG's), inclusive dois núcleos do PROTEJO, Granja Lisboa e Granja Portugal foram localizados em associações do bairro; o Centro Cultural que desenvolve diversas atividades, até mesmo, alguns encontros do projeto foram realizadas nesse centro, e o circo, em que muitos jovens também faziam parte.

Um dos aspectos que chamou atenção foi o fato de cinco dos seis jovens entrevistados não estarem no âmbito escolar, o que nos leva a refletir em como o trabalho, uma das vontades mais presentes em seus discursos pode ser concretizado se não mediante a educação.

Aqui se chega a um ponto central nesta análise que é salutar que estes jovens entrevistados, sozinhos, não conseguem dar conta da complexidade que é vivenciada pelo jovem na contemporaneidade, especialmente nas camadas populares. Os pais desses jovens trabalham diariamente para sustentar uma família numerosa e, muitas vezes, continuam contribuindo com a família que os filhos constituem. Essas jovens não podem ser responsabilizados, de forma acrítica, pelo abandono escolar e não acesso ao mercado de trabalho. Nota-se que no cerne da questão são as políticas sociais que não alcançam esses indivíduos, que esperam oportunidades e



não chegam. É necessário perceber que estamos inseridos em uma sociedade capitalista que aloca populações pobres cada vez mais abaixo na estratificação social.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. In: Revista Brasileira de Educação. Maio/jun/Ago, 1997. nº5. Set/Out/Nov/Dez, 1997. nº6. p. 25-36.

\_\_\_\_\_. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In: \_\_\_\_\_; BRANCO, Pedro Paulo Mart (orgs). Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 37-71.

BARBIANI, Rosângela. **Mapeando o discurso teórico latino-americano sobre juventude(s): a unida na diversidade**. In: Revista Textos e Contextos. v. 6. n. 1. p. 138-153. Porto Alegre, 2007.

BARBOSA, Carlos Soares; DELUIZ, Neise. **Juventude, trabalho e educação profissional: o programa nacional de estímulo ao primeiro emprego em discussão**. ANPED, s/d.

BRASIL, Glauécia Mota. et al. **Pesquisa Cartografia da Criminalidade e da Violência na cidade Fortaleza**, 2010. Disponível em: . Acesso em: 10 jun. 2011.

CARDOSO, Ruth; SAMPAIO, Helena. **Bibliografia sobre a juventude**. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 1995.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas**. In: \_\_\_\_\_ (orgs). Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. ed. 1. col. Educação para todos: Unes 2007.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. C Enfoques. Sociologia. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

Guarda Municipal de Fortaleza. **Pronasci**. Disponível em: [http://www.fortaleza.ce.gov.br/gmf/index.php?option=com\\_content&task=view&id=315&Itemid=85](http://www.fortaleza.ce.gov.br/gmf/index.php?option=com_content&task=view&id=315&Itemid=85)>. Acesso em: 12 ago. 2011.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra** In: ARIOVICH, Laura. et al. juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos Sociedad. 3. 2008.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **O que é o Pronasci**. Disponível em: . Acesso em: 07 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. **Territórios de Paz**. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJ0FE4DE4EITEMIDFC628887CAF540CA82170F533DA24C21PTBRNN.htm> Acesso em: 07 ago. 2011.

NÚCLEO DE PESQUISAS SOCIAIS. **Protejo**. Disponível em: . Acesso em: 04 set. 2011.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude**: alguns contributos. Análise social. Vol. X) 1990. p. 139-165.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Regional 05.** Disponível e [http://www.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=37&Itemid=52](http://www.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=37&Itemid=52)>. Acesso em: set. 2011.

SNJ. **Política nacional de juventude.** < <http://www.juventude.gov.br/politica>>. Acesso em: 25 abr 2013.

\_\_\_\_\_. **Marcos da política Nacional de Juventude.** < <http://www.juventude.gov.br/marcos>> Acesso: 25 ; 2013.

SPOSITO, Marília Pontes. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no Brasil.** In: \_\_\_\_\_; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). Retratos da Juventude Brasileira análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 87-127.

---

[i] Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará. Mestranda em Educação Brasileira Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Linha Trabalho e Educação grayceane@ig.com.br.

[ii] Turismóloga. Mestranda em Educação Brasileira no Programa de Pós-graduação em Educação Universidade Federal do Ceará. Linha Sociologia e filosofia da educação. amssphb@hotmail.com.

[iii] Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará. Mestranda em Educação Brasileira Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Linha Trabalho e Educação nayaranobre@hotmail.com.

[iv] Inerente às primeiras abordagens fisiopsicológicas de juventude.

[v] É sabido que violência é uma categoria que carrega uma gama de significado e símbolos, mas que no trabalho não será analisada profundamente.

[vi] O PROTEJO assistiu a 210 jovens divididos em cinco núcleos obedecendo a cartografia oficial da RGBJ.

[vii] Pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo com jovens na faixa etária entre 15 e 24 anos, com uma amostra de 3.501 jovens nos mais diversos âmbitos geográficos, urbano, rural, pequenas, médias e grandes cidades.

[viii] Considera jovem aquele entre 15 e 29 anos de idade subdividido em Jovem adolescente (15 a 17 anos), Jovem-jovem (18 a 24 anos) e Jovem adulto (25 a 29 anos).